

PSICOPEDAGOGIA HOSPITALAR: POR QUE E PARA QUEM?

Reflexões compiladas da palestra do evento Psicopedagógico Sedes Sapientiae, realizado em agosto de 2007, e das entrevistas com os profissionais participantes.

Palestrante: Maria Irene Maluf*

Mediadores: Vera Rossetti Ferretti

Eloísa Quadros Fagali**

Composição do texto: Ana Szpiczhowski, Fernanda Cury

INTRODUÇÃO

A intenção do presente artigo é fazer uma compilação das informações da palestra do evento Psicopedagógico Sedes Sapientiae (2007), Irene Maluf, e das complementações dos mediadores, professores do Sedes Sapientiae, Vera Ferretti e Eloisa Fagali. As informações foram ampliadas posteriormente, por meio de entrevistas feitas com os referidos participantes. O presente artigo constitui-se, portanto, da composição de diferentes pensamentos e projetos que se complementam a respeito da Psicopedagogia na área de saúde. Retomo algumas destas experiências com profissionais e crianças, atualizando-as numa publicação: "Arte Terapia e a transição entre linguagens expressivas no contexto de saúde", capítulo 5, In: Arte e Medicina, Livraria Médica Paulista, 2005. As reflexões serão organizadas em torno de questões temáticas, extraídas da análise das informações e respostas obtidas, sem manter uma linearidade cronológica das apresentações, compondo, assim, um "mosaico de reflexões e projetos".

* Maria Irene Maluf : Pedagoga, psicopedagoga, editora da revista *Psicopedagogia*, Membro Honorário da Associação Portuguesa de Psicopedagogos, Presidente Nacional da ABPp – gestão 2005/07.

** Vera Rossetti Ferretti: Pedagoga, psicóloga, psicopedagoga, arteterapeuta, mestre em Psicologia, professora e supervisora do curso de psicopedagogia e arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae. Eloísa Quadros Fagali: Mestra e doutora em Psicologia, psicopedagoga, arteterapeuta, professora e supervisora do curso de psicopedagogia e arteterapia.

O que significa psicopedagogia hospitalar? Qual sua função?

Palestrante:

Maria Irene: Primeiramente, há necessidade de definir a Psicopedagogia em geral que, segundo o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia - ABPp (1996), diz respeito à “área de estudo e de atuações no contexto de saúde e educação, tendo como foco o processo de aprendizagem humana”.

Segundo prescrito no Código de Ética, a Psicopedagogia diz respeito às reflexões e práticas que levam em consideração os padrões normais e patológicos, tendo em vista a influência do meio – família, escola e sociedade – e o desenvolvimento psico-sócio-educacional e físico dos aprendizes, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia. De acordo com a psicopedagoga Carmem Pastorino (2003), a Psicopedagogia “por sua natureza, situa-se em um espaço que atravessa e assimila em suas ações, os conhecimentos de diferentes campos do saber, assim enriquecendo com sua práxis tais disciplinas, das quais também se nutre”.

Do ponto de vista da Psicopedagogia Hospitalar, segundo Gallar (1998), “(...) a hospitalização pode acarretar à criança alguns problemas no seu desenvolvimento, muitos dos quais a Psicopedagogia pode prevenir e/ou remediar...”. Remediações de natureza emocional (ansiedade, depressão), cognitiva (dificuldades de aprendizagem) e motivacional (auto-estima negativa).

Sabemos que a enfermidade afeta as interações da criança com o ambiente físico e social em que vive e, por sua vez, os aspectos do ambiente são alterados como consequência da enfermidade. O que faz, em função de alguns projetos e

pesquisas, o psicopedagogo no contexto hospitalar?

- Intervém nas instituições de saúde, integrando equipes multidisciplinares, colaborando com outros profissionais, orientando seu procedimento no trato com o paciente e sua família;
- Elabora diagnósticos das condições de aprendizagem das pessoas internadas;
- Adapta os recursos psicopedagógicos para o contexto da saúde, utilizando recursos psicopedagógicos para elaborar programas terapêuticos de ensino/aprendizagem nas situações em que as pessoas estejam com as suas capacidades adaptativas diminuídas por razões de saúde;
- Elabora e aplica programas comunitários de prevenção de comportamentos de risco e de promoção de comportamentos saudáveis;
- Cria e desenvolve métodos e programas psicopedagógicos em contextos de reabilitação psicossocial, para pessoas em recuperação de doença;
- Elabora relatórios de condições terapêuticas de ensino/aprendizagem e outras comunicações.

Mediadores:

Eloísa Fagali: Nesse sentido, como Maria Irene afirma, há necessidade de uma concepção de aprendizagem comum com enfoque institucional, numa visão sistêmica, levando em conta o jogo entre as forças inconscientes e conscientes, individuais e coletivas.

Vera Ferretti: Considero de grande relevância desenvolver trabalhos psicopedagógicos, no âmbito da saúde, em diferentes instâncias, considerando as

funções e necessidades dos integrantes que constituem a Instituição, não deixando de valorizar os recursos do lúdico e da arteterapia nas intervenções. Deve-se levar conta questões sobre os mitos da cura entre os profissionais, os doentes e familiares, mitos que podem favorecer ou paralisar todos aqueles envolvidos com a doença.

Como caracterizar as diferentes formas de intervenções psicopedagógicas e quais as demandas na área de saúde?

Palestrante:

Maria Irene: A Psicopedagogia Hospitalar consiste em avaliações e intervenções no contexto de saúde, levando em conta o processo de aprendizagem que engloba, o desenvolvimento e o uso de uma série de competências, tanto físicas, como mentais e emocionais. Trata-se de um modo de intervenção institucional e também clínica, levando em conta diferentes contextos diferenciados a seguir:

- Suporte psicopedagógico à Instituição de saúde como um todo e com a equipe de profissionais, com construções de projetos e atuações em grupo para evitar a fragmentação do conhecimento e promover trocas entre os especialistas, propiciando a integração das disciplinas no âmago de um mesmo projeto de trabalho;
- Orientação ao paciente hospitalizado, com o objetivo de trabalhar não só os conhecimentos básicos, apesar da importância de se cuidar do não afastamento destes pacientes do mundo acadêmico. É importante, no entanto,

focalizar o trabalho no desenvolvimento das competências de natureza psicossociais para que o paciente se habilite como agente ativo do seu próprio processo de tratamento, recuperação e promoção de sua saúde. Pode ser realizada em grupo, como o que se verifica nas chamadas classes hospitalares, ou individualmente;

- Suporte à família, profissionais e acompanhantes que permitem a instalação e o resgate das potencialidades de parentes, e cuidadores, na estimulação dos enfermos em suas habilidades cognitivas e afetivas.

Mediadores:

Eloísa Fagali: De acordo com o enfoque de Irene, este processo de aprendizagem em que se articulam as intervenções individuais e grupais de forma ativa, integrando afeto e cognição, é um dos diferenciadores significativos da atuação psicopedagógica. Há necessidade de se valorizar, na área de saúde, o processo de criação e revitalização da aprendizagem cognitiva e afetiva em meio aos limites impostos pela doença e medicamentos, não se apoiando apenas nas medicações químicas, apesar de serem também de grande importância.

O que destacar como fato significativo sobre o percurso de trabalhos e projetos da Psicopedagogia Hospitalar? Que incentivos legais ocorreram?

Palestrante:

Maria Irene: Entre significativas ocorrências sobre a história da Psicopedagogia Escolar destacam-se algumas de grande relevância:

Em 1935, Henri Sellier, funda em Paris a Classe Hospitalar para crianças. Em seguida, na Alemanha e Estados Unidos, criam-se estes espaços educacionais para suprir dificuldades escolares de crianças tuberculosas. Devido aos problemas decorrentes da 2ª Guerra Mundial surgem as escolas nos hospitais.

No Brasil, em 1950, criou-se este espaço de suporte educacional no Hospital Municipal Jesus. Em 1999, já havia 30 hospitais com classes hospitalares.

Segundo pesquisas de Vivian Rachman e Neide Noffs, apresentadas no artigo “Psicopedagogia e Saúde”, da revista *Psicopedagogia*, edição 74, a Lei 10.685, de 30/11/2000, dispõe sobre acompanhamento educacional da criança e adolescente internados.

No Brasil, há diferentes projetos psicopedagógicos na área de saúde. Considero de grande importância aprofundar na aprendizagem com esse enfoque, pois o número de crianças e jovens hospitalizados é representativo e não tende a baixar nas próximas décadas.

A ABPp, em novembro de 2007, organizou um Simpósio Internacional, cujo tema essencial refere-se à Psicopedagogia, a Neurociência e a Psicanálise, evento em que se comemora o 27º aniversário da ABPp Nacional e os 25 anos da revista *Psicopedagogia*. Nele, se percebeu claramente que o trabalho na interface desses conhecimentos é riquíssimo e indispensável para o mundo globalizado.

Mediadores:

Eloísa Fagali: Percebo que é necessário lembrar e revitalizar as construções brasileiras sobre a Psicopedagogia Institucional na saúde, no âmbito hospitalar, levando em conta diferentes contextos organizacionais e situações.

Por exemplo, a nossa palestrante Maria Irene desenvolveu, em 1997, a sua monografia do curso de Psicopedagogia na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), sobre pesquisa que relacionava a Psicopedagogia à área de Saúde. Nós, do Instituto Sedes Sapientiae, desenvolvemos significativos trabalhos, por meio de supervisões psicopedagógicas nos anos 80, no espaço do GRAAC (Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer). Há inclusive um escrito da Vera Ferretti, em publicações da Associação Nacional de Psicopedagogia, sobre esses relevantes e significativos projetos. Segundo nossas percepções, começávamos do zero esta criação do espaço psicopedagógico de saúde, mediado pelo lúdico, contos e arteterapia, com conotações diferentes da orientação das escolas hospitalares. Ao olhar as ocorrências na nossa história, percebemos outras iniciativas da Psicopedagogia neste contexto: as hospitalares e de saúde em outros centros acadêmicos com foco na formação de Psicopedagogia em São Paulo e em outros locais tais como Belo Horizonte, Curitiba, Salvador, Porto Alegre e muito outros. As iniciativas e serviços psicopedagógicos na área de saúde proliferaram-se até o momento. No meu ponto de vista, muitas destas relevantes iniciativas e construções que não continuaram precisam ser revistas e revitalizadas.

Vera Ferretti: Vale a pena destacar, a título de ilustração, que aqui, no Instituto Sedes Sapientiae, no setor de Psicopedagogia, desenvolvemos muitos trabalhos

nos postos de saúde da Prefeitura de São Paulo e do Estado, em Hospital e em projetos como o do GRAAC. Desenvolvíamos trabalhos psicopedagógicos com a clientela do posto de saúde. Levando em conta as questões sócio-políticas da realidade brasileira, não demos continuidade a esses projetos porque a Prefeitura e o Governo do Estado estavam exigindo contratos com procedimentos mais complexos que precisam ser atualizados e reativados. Há necessidade, neste momento, de revitalizar e adequar estes projetos, segundo as novas demandas e exigências formais.

Quais as contribuições das intervenções psicopedagógicas?

Palestrante:

Maria Irene: A Psicopedagogia, em qualquer âmbito em que seja aplicada, trabalha as questões ligadas, principalmente, à ansiedade, baixa auto-estima e depressões; minimiza os prejuízos de ordem cognitiva no processo de aprendizagem, facilita a relação saudável do indivíduo com o meio e o prepara para aprender inclusive questões ligadas à sua maneira de ser, limites e potencialidades. Como especificamente, a enfermidade tende a afetar as interações da criança com o ambiente físico e social em que vive e, por sua vez, os aspectos do ambiente são alterados como consequência da enfermidade, a capacidade de conhecer sua nova situação e gerenciá-la de modo otimista, produtiva e saudável pode fazer toda diferença na realização futura dessa pessoa, especialmente aquela que é hospitalizada por longos períodos.

Ao se atender a criança hospitalizada com a intervenção psicopedagógica, cria-se um mecanismo protetor para neutralizar as adversidades inerentes à condição de enfermidade e hospitalização. Uma eficiente intervenção psicopedagógica facilita o desencadeamento do processo de *resiliência*, que consiste na habilidade de superar o efeito das adversidades e do estresse no curso do desenvolvimento. (Yunes & Szymanski, 2001)

A Psicopedagogia é fundamental ao paciente hospitalizado para manter os laços com os conhecimentos básicos e desenvolver as competências de natureza psicossocial. A escola e a aquisição de novos conhecimentos são, para a criança, meios de ser inserida e reconhecida no meio social, necessários para sua avaliação como pessoa.

Havendo uma internação, parte desse processo tende a ser bruscamente interrompido e, por vezes, por longos períodos, alterando sua auto-imagem e auto-estima e as suas possibilidades de voltar a se inserir no mundo escolar. Além disso, a doença, quando não compreendida pela criança e até pelo adulto, é razão de duplo sofrimento, pela doença em si e pelo afastamento de seu meio de convívio e desenvolvimento educacionais, sociais e profissionais. A Psicopedagogia permite, ainda, e com grande sucesso, que este paciente se habilite como agente ativo do seu próprio processo de tratamento, recuperação e promoção da saúde.

Mediadores:

Vera Ferretti: Ao resgatar as relevantes experiências que contribui como supervisora no Departamento e curso de formação de Psicopedagogia do Sedes Sapientiae, gostaria de ressaltar o seguinte sobre modalidades de intervenções: nos

nossos projetos iniciais, a proposta era fazer um trabalho em sala de espera e de oficina de psicopedagogia com uma utilização significativa dos recursos de mediações, por meio da expressão artística, sem se fixar no trabalho com o conteúdo pedagógico escolar.

Vale a pena ressaltar o empenho e trabalho de qualidade de estagiárias de psicopedagogia que desenvolveram estes trabalhos no GRAAC. O trabalho psicopedagógico com as crianças e adolescentes com câncer associavam-se a jogos, dinâmicas lúdicas, recursos da expressão artística, atendendo à clientela que esperava os exames e intervenções médicas. Só posteriormente é que surge, nos empreendimentos educacionais da saúde, o que se denomina hoje brinquedoteca. O objetivo destes projetos não era, no entanto, fixar-se no desenvolvimento dos conceitos escolares associados aos conteúdos. Não estou negando a importância deste aprendizado para não distanciar a criança das necessidades escolares, mas o meu intuito é focalizar no trabalho que desenvolvíamos ressaltando a importância de outras situações de aprendizagem de grande importância frente às condições de limites geradas pela doença. As intervenções visavam promover a criatividade dos pacientes, a possibilidade de ouvir e contar histórias, de cantar músicas, o que já conhece e que inventa, de expressar plasticamente com pinturas, colagens e composições tridimensionais. Com as crianças pequenas as mães participavam.

Considero que este trabalho colabora para a saúde e a vitalidade das crianças e dos acompanhantes e geraram conseqüências muito positivas, tendo em vista a saúde, com muito empenho e criação de todos nós, profissionais envolvidos.

Ao levar em conta as experiências e projetos desenvolvidos no Brasil e fora, há algum que merece destaque?

Palestrante:

Maria Irene: Em relação a projetos fora do Brasil, tive oportunidade de conhecer, com maior profundidade, a experiência no campo da saúde mental, em Portugal, desenvolvida desde os anos 90, dentro de alguns grandes hospitais, tema que desenvolvi na palestra no evento do Sedes.

Nesses projetos, a equipe de psiquiatria trabalha junto à equipe de psicopedagogos, com enfoque na saúde mental, objetivando elaborar e pôr em prática programas de educação para a promoção de comportamentos para a saúde e prevenção de comportamentos de risco. Estes programas fornecem informações sobre as doenças e o tratamento, preparadas e apresentadas utilizando recursos psicopedagógicos especialmente voltados para a saúde e podem ser de vários tipos, tendo em conta a população, os objetivos e as características dos serviços de saúde que integram.

Nesses projetos de Psicopedagogia Hospitalar no campo da saúde mental, as funções básicas são as seguintes: elaborar diagnósticos das condições de aprendizagem das pessoas com problemas de saúde; adaptar os recursos psicopedagógicos para o contexto da saúde; utilizar recursos psicopedagógicos para elaborar programas terapêuticos de ensino/aprendizagem nas situações em que as pessoas estejam com as suas capacidades adaptativas diminuídas por razões de saúde; elaborar e aplicar programas comunitários de prevenção de comportamentos de risco e de promoção de comportamentos saudáveis.

Em relação aos objetivos destes projetos, destacam-se os seguintes:

- Intervir nas instituições de saúde, integrando equipes multidisciplinares;
- Colaborar com outros profissionais, orientando seu procedimento no trato com o paciente e sua família;
- Elaborar métodos e programas psicopedagógicos em contextos de reabilitação psicossocial para pessoas em recuperação de doença, de modo a não interromper bruscamente as atividades habituais que contribuem para seu desenvolvimento;
- Elaborar relatórios de condições terapêuticas de ensino/aprendizagem e outras comunicações;
- Criar recursos que levem em conta a singularidade da criança e de seu nível cognitivo e funcionamento afetivo;
- Desenvolver meios através dos quais aumente a competência da família e do jovem hospitalizado em relação ao conhecimento e enfrentamento das enfermidades em questão e suas conseqüências;
- Participar em projetos com equipes multiprofissionais.

Quanto à forma de atuação, há atendimentos individuais, grupais, orientação a grupos multifamiliares, atendimento a profissionais de recursos humanos e saúde, serviços de esclarecimento à comunidade.

Em relação ao âmbito de atuação, destacam-se a Psicopedagogia com ênfase pedagógica ou no desenvolvimento segundo temas relacionados com o tratamento, incluindo a utilização dos serviços de saúde, os programas de reabilitação e pedagogia do projeto. Na educação para a saúde, leva-se em conta a comunidade, o diálogo com outros profissionais de saúde, o trabalho com grupos de potencial risco, como, por exemplo, os grupos de crianças e jovens.

Quanto às estratégias, utilizam-se os meios expositivos, demonstrativos, interativos, assíncronos (campanhas de educação para a saúde na comunidade).

Mediadores:

Eloísa Fagali: Para complementar as significativas e relevantes informações de Irene, vamos focalizar alguns projetos no Brasil. Há diferentes trabalhos promovidos por Ongs. A ADJ (Associação de Diabetes Juvenil), famosa internacionalmente, dedica-se a dar apoio psicológico, físico e psicopedagógico às pessoas portadoras de diabetes. Muitas outras organizações, como a AACCC (Associação de Apoio à Criança com Câncer), dedicam-se historicamente ao apoio a crianças e adolescentes com câncer, vindos de outros Estados, acolhendo-as e oferecendo-lhes o apoio psico-educacional, assim como a seus acompanhantes.

Fundi e faço parte de uma Ong, desde 2005, composta por uma qualificada equipe interdisciplinar, que desenvolve apoios psicopedagógicos em parceria com estas outras Ongs de apoio aos doentes.

Há muitas construções que já têm história e continuam suas trajetórias em busca de aprofundamentos cada vez maiores.

Quais as influências ou conseqüências desse trabalho quanto ao tratamento médico?

Palestrante:

Maria Irene: Segundo as pesquisas e avaliações dos projetos, o trabalho psicopedagógico contribui para maior adesão ao tratamento médico e medicações, redução significativa das taxas de recaída e readmissão dos 9 aos 18 meses comparando com o tratamento usual. Constatou-se, também, o aumento do conhecimento, melhoria do estado mental, maior satisfação com os serviços, maior nível global de funcionamento e da emoção expressa por familiares.

As pesquisas e avaliações relacionadas à orientação psicopedagógica familiar constata as seguintes melhorias: redução de recaídas e re-hospitalização, maior reabilitação vocacional, diminuição de custos com cuidados de saúde. Os dados avaliativos demonstram que a informação por si só não é suficiente e que os programas devem incluir treino de competências familiares, gestão da doença mental e apoio emocional.

Os resultados obtidos em pesquisas, após intervenção Psicopedagógica durante a Internação no campo da saúde mental, foram os seguintes sobre, por exemplo, o consumo de drogas:

- considerando-se que as pessoas com esquizofrenia e outras psicoses têm maior risco de consumir drogas, as pesquisas mostram que cerca de 25% a 35% das pessoas com esta doença mental têm problemas de consumo de substâncias ao final de 6 meses de tratamento. O consumo de substâncias nas pessoas com esquizofrenia está associado a um pior prognóstico, recaída, re-hospitalização, problemas judiciais, entre outros fatores. Os resultados após intervenção psicopedagógica durante a Internação mostraram que os pacientes adquiriram:

- Mais informação sobre o consumo e os riscos;

- Mudança de atitude face ao consumo;
- Redução da informação errada sobre as drogas.

Concluindo, em Portugal, a Psicopedagogia para pessoas doentes e para as famílias está listada nas recomendações do Plano Nacional de Saúde Mental, da Direção Geral do Serviço de Saúde Mental. São de igual forma recomendadas as intervenções psicopedagógicas e de educação para a saúde nos serviços de saúde geral e na comunidade (Portugal).

Mediadora:

Vera Ferretti: Não posso deixar de destacar as experiências que desenvolvi na minha tese de Mestrado (em Psicologia Clínica: “Arteterapia: o cuidado com profissional de saúde”, PUC-São Paulo, 2005) utilizando as intervenções da arteterapia, no trabalho com enfermeiras na UTI (Unidade de Tratamento Intensivo). Ali, compartilhávamos sobre dores, perdas, morte e busca da vida e cooperação criativa. Trabalhamos sobre o mito da cura e o resgate deste mito na contemporaneidade, nos espaços de saúde em que estas enfermeiras e assistentes sociais atuavam. Os símbolos que apresentavam, por meio da utilização de sucatas, expressões cromáticas, expressões após relaxamentos, trabalhos corporais e sensibilizações, ajudavam a socializar a dor, os medos de perda não só da morte física, mas do desemprego, da morte, do abandono e da exclusão. Com estas interlocuções e compartilhamentos via a expressão não verbal e verbal, alguns de nós se desfaziam ou saíam do excesso de emaranhado, buscando a solidariedade e saída para a cura da doença física e social. Relatavam, nas suas avaliações, como precisavam desse espaço para buscarem solidariedade e força criativa para não se

paralisarem e não se estressarem frente à morte e aos medos e impotências. Este trabalho que desenvolvi é uma proposta da arteterapia na área de saúde e que pode se articular aos projetos psicopedagógicos.

Eloísa Quadros Fagali: A título de ilustração, é interessante ressaltar alguns acontecimentos nas orientações psicopedagógicas da área de saúde, junto aos professores e cuidadores atuantes no referido contexto. Em um dos trabalhos de orientação com enfermeiras, desenvolvíamos intervenções psicopedagógicas para estes profissionais lidarem de maneira mais saudável com as informações dadas ao paciente. Lembro-me, nos trabalhos que desenvolvia, que uma das enfermeiras apresentou como começou a utilizar os recursos psicopedagógicos que aprendeu conosco. Utilizou a injeção, temida e aversiva para as crianças, por meio do processo de imaginação e do contar história, utilizando metáforas. A injeção ou seringa era associada a uma personagem. Esta enfermeira surpreendeu-se com as histórias dos pacientes sobre as “personagens seringas”, associando às “mentiras do não doer” que as irritavam ainda mais. Expressavam nos seus símbolos e histórias inventadas os pedidos feitos à seringa para se apresentar de outras formas mais verdadeiras, sem camuflagem, mas cuidando com amor, sem negar a dor. Muitas dessas enfermeiras puderam avaliar como estes pacientes aceitavam mais as intervenções, quando era possível dialogar com a dor, em busca da criação e da saúde.

O que podemos então ampliar em nossos projetos psicopedagógicos na área de saúde, no Brasil?

Palestrante:

Maria Irene: Parece-me importantíssimo que os cursos de especialização em Psicopedagogia se preocupem em abranger essa necessidade do segmento hospitalar: o acompanhamento psicopedagógico dos profissionais da saúde e dos pacientes, especialmente daqueles em tratamentos de longa internação. É importante lembrarmos que cerca de 5% a 10% de todas as crianças apresentam, em alguma época da infância, uma enfermidade prolongada ou incapacitação moderada ou grave. As crianças, apesar de enfermas e hospitalizadas, participam ativamente e interagem em situações lúdico-pedagógicas. Os achados mostram a relevância desse tipo de atividades para a promoção do desenvolvimento da criança no contexto hospitalar.

Mediadores:

Vera Ferretti e Eloísa Fagali: No que diz respeito aos esforços dos profissionais do Departamento de Psicopedagogia do Instituto Sedes Sapientiae, estamos nos empenhando para resgatar as ricas experiências do passado e do presente, os acertos e erros, com construções novas e com apoio de outros colegas, Ongs e Instituições, formando uma grande rede de parceria para revigorar a sustentação dos trabalhos psicopedagógicos na área de saúde.

Estamos abrindo, para 2008, supervisões e aperfeiçoamentos da

Psicopedagogia com um enfoque Institucional. Um dos enfoques práticos e reflexivos leva em conta as questões culturais e sociais, associadas à doença, influenciam no processo do aprender daqueles que se encontram doentes, dos acompanhantes e familiares, assim como dos cuidadores que buscam a cura. A tentativa é aprofundar nas interlocuções em prol da saúde e da vida, não só no sentido de prover suporte de cura apoiado apenas nas medicações químicas, que também têm as suas funções significativas e de relevância, se não gerar dependências, quando os tratamentos se reduzem ao tratamento por remédios. Há necessidade de se mobilizar também a cura psíquica e social, no contato com a dor, em busca de uma força que não nega a dor e a morte, mas ultrapassa no resgate da criação, da vida em suas diferentes dimensões e sentidos. Estão todos convidados a compartilhar destas construções no espaço psicopedagógico no Departamento do Sedes Sapientiae, em 2008.

Algumas das metas principais são:

- Atuações psicopedagógicas nas diferentes instituições de saúde, com supervisões e aprofundamentos de forma a integrar equipes multidisciplinares;
- Gerar projetos de apoio aos profissionais, orientando seu procedimento no trato com o paciente e sua família;
- Criar métodos e programas psicopedagógicos em contextos de reabilitação psicossocial, para pessoas em recuperação de doenças;
- Elaborar pesquisas, produções de conhecimento e gerar orientações terapêuticas de ensino/aprendizagem;
- Não perder de vista as questões sistêmicas culturais e sociais, com realizações de projetos constituídos por equipes multiprofissionais, num

clima de solidariedade e cooperação, não gerando trabalhos isolados e individualizados, um dos grandes males e doença da nossa cultura moderna.

Palestrante:

Maria Irene: Acreditamos que exista, neste princípio de século, uma demanda de profissionais especializados em Psicopedagogia com ênfase no trabalho hospitalar que realmente estejam instrumentalizados para intervir, junto com outros profissionais da saúde, na (re)integração do paciente hospitalizado, prestando ajuda, não só na escolaridade e na doença, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes traumático, da internação, independentemente da idade. Não se trata, porém, de “aulas particulares” ou “classes hospitalares” à imagem das classes especiais que se encontram nas escolas, pois no hospital estão apenas crianças que se encontram sob condições de risco, tanto do ponto de vista orgânico, quanto nos aspectos emocional e educacional do curso do seu desenvolvimento.

São crianças e jovens, além dos adultos e pessoas da terceira idade, em risco de vida, o que já as torna singulares, exigindo um olhar mais criteriosamente preparado para tal atendimento. Trata-se, também, de se preparar psicopedagogos capazes de participar de uma equipe profissional multidisciplinar, que objetiva não apenas a recuperação do paciente, mas que tenha em vista sua mais adequada reinserção na vida pessoal, familiar, escolar e profissional pós-hospitalização. É uma sutil, mas importante alteração nos objetivos e usos da psicopedagogia,

influenciando multidisciplinarmente profissionais e instituições da saúde e pessoas adoentadas, a viverem com melhor qualidade de vida.